

VEMOS DUAS FIGURAS HUMANAS¹

Alice Almada e Raul dos Santos

Em tempos de escassez do inteligível, é quase fantástico quando somos surpreendidos pela presença de um pássaro através de seu canto, ou de seu parabólico risco sob o céu. Nos curiosos movimentos do pássaro, tão cheios de personalidade, o coração por vezes até se acalma ao notar quanto aquilo é, ainda que indizível.



Figura 1

Neste século XXI, que sofre ao tentar nascer sobre tantas feridas inflamadas do século XX, diante da falência de uma falsa proposta de globalização a partir da guerra, Edmar de Almeida nos dá a ver a partir do nosso lugar concreto e presente, mas em paisagens sutilmente diferentes. O seu sentido geográfico, não se limita certamente ao planeta Terra, ainda que aqui habite e trabalhe seus frutos. O seu sentido histórico é materialista, mas atravessa os milênios da tradição e da técnica como o vento.

¹ Escrito em comemoração à consagração das obras Batismo e Anunciação, doadas pelo iconógrafo Edmar de Almeida à Igreja do Divino Espírito Santo do Cerrado, aos 23 de abril do ano de 2024.



Figura 2

No silêncio da imersão profunda, centrada no limiar entre os mares de cima e os de baixo, somos convidados a ver, a diante estar, ser vistos, escutar. Espaços e tempos múltiplos se condensam e por tantas vezes passados se revelam como cifras diante do presente. A serenidade severa do indizível, assume faces de lugares tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos, repetindo-se, diferenciando-se, em dobras geológicas e ritornelos temporais.



Figura 3



Figura 4

a fé e as cores são mineiras
a concisão é grega
as proporções bizantinas
a profundidade russa
a geometria é construtiva

As reverberações da obra esboçam panoramas possíveis da existência mundana a partir do reconhecimento. Assentados na possibilidade da experiência daquilo que é bonito, somos levados a crer, que pelo menos aqui ao sul do Equador, sob a dolorosa linha de Tordesilhas, a dicotomia entre ocidente e oriente é um engano, que impede que nos conheçamos melhor a nós mesmos.



Figura 5

Sobre de onde surgem os ícones, Edmar conta que é preciso vê-los. Aos 9 anos de idade, já estudante de pintura com a professora Elizabeth Van der Winkel, na cidade de Uberaba, afirmou que o caminho que traçaria na pintura seria como iconógrafo, pintor de ícones seguindo a tradição bizantina. Nesse percurso, ainda aos 13 viajava para Santos, para tomar aulas com Wega Nery, motivado pelo premiado trabalho da artista, em que pesquisava processos de action painting, como a de Jackson Pollock. Aos 20, expulso a tiros da primeira turma de artes e letras brasileiras da Universidade de Brasília, então sob a condução de Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e Dom Helder Câmara, Edmar foi tentar finalizar os estudos em São Paulo. Estudou pintura no ateliê de Iolanda Mohaly. Sob as sombras do terror político, fez anos de análise junto ao Doutor Leon Bonnaventure, especialista na obra de Carl G. Jung e de Santa Tereza D'ávila. Doutor Leon incentivou Edmar a desenvolver seu trabalho artístico em tecelagem, como parte do seu processo psicoterapêutico. Por meio dos teares de pedal e da tecelagem manual, Edmar associou sua dedicação à *iconografia religiosa* com uma pesquisa sobre *a tecelagem* agregando uma linguagem renovada a ambos os ofícios.



Figura 6

Mais do que a dimensão religiosa (inspirada principalmente nos santos e santas da devoção popular brasileira) Edmar nos diz que foi a pesquisa técnica e antropológica, desenvolvida junto às tecedeiras do Triângulo Mineiro, que despertou o interesse e a parceria da arquiteta Lina Bo Bardi.

Conheceram-se em 1973, por intermediação de Flávio Império, professor, arquiteto, cenógrafo e uma amizade muito marcante para ambos. Edmar tinha então 31 anos de idade e Dona Lina, 61. Interessada no pensamento de Celso Furtado e Anísio Teixeira, participou entre 1958 e 1992 do debate e da construção de caminhos possíveis para a industrialização brasileira, que não sobrepujasse o artesanato e a manufatura caseira presente nos interiores do Brasil, mas que brotasse justamente da inventividade técnica e estética dos artesãos e artesãs. Lina denunciou as condições de precariedade e pobreza a que estavam submetidos, mas via a possibilidade de um processo de industrialização baseado na autonomia do trabalho como forma de superar as condições de miséria. Tendo trabalhado em Salvador-BA, Caruaru-PE, Propriá-SE, veio por várias vezes a Uberlândia, criando grande amizade por Edmar e sua mãe, Dona Aurora. Conheceu os distritos de Lagoa Seca, Santa Maria, Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia e algumas das tecedeiras, com quem Edmar desenvolvia seu trabalho artístico e de pesquisa.

Foi por intermédio de Dona Aurora, ministro da Ordem Menor Franciscana de Uberlândia, que Dona Lina foi apresentada à Frei Egídio Parizi, que a convidou para projetar um novo conjunto para as atividades que a ordem desenvolvia junto à comunidade do Bairro Jaraguá, em Uberlândia. Até então, os encontros se davam em uma pequena capela dentro do quartel do 36º Batalhão de Infantaria Mecanizado do Exército. Receosos da resistência por parte da Arquiteta, Frei Egídio, Frei Fúlvio Sabia, dona Aurora e Edmar reuniram previamente um conselho construtivo, que contava com 48 participantes, disposto a levantar fundos e unir esforços para a construção da Igreja. Muitas mulheres atuaram: assentando tijolos, carregando carrinhos-de-mão e produzindo bordados para financiar a aquisição de material. Frei Fúlvio e Edmar foram até a cidade de Essen, na Alemanha, angariar apoio financeiro para execução da obra junto a fundação laica Adveniat, organizada principalmente por viúvas da segunda guerra mundial.

CAPELA DO SANTO ESPÍRITO² – Apesar da casa e o barracão serem os primeiros a construir, pois as irmãs tomarão conta da construção, o pessoal quer primeiro a igreja. Dona Lina, faça-a bela e simples, retrato desse povo tão bom. O gosto que têm pela beleza é mais que um anseio, espécie de fome e apetite que os tira do peso do trabalho, do sofrimento, das carências. Acho triste, a maioria dos artistas brasileiros não percebem o conceito de beleza que traz o povo e o que seria e é arte para eles.... Toda riqueza que trazem impossível de extravasá-la no cotidiano aparece nos domingos, no descanso da noite, à beira do fogo, nas festas, nas canções, procissões. Alegria simples e inteira, cristalina. O espaço da capela poderá compreender de 150 a 180m² de área. Servirá a variados fins, reuniões, projeções de slides e filmes, pequenos atos teatrais, aulas, casamentos, missas, menos batizados. Portanto não precisa de espaço para a pia.

O altar. Este espaço, na medida do possível quase inviolável, ruptura entre o sacro e o profano. A proximidade muitas vezes forçada das reformas pós-conciliares tornaram as funções litúrgicas um pouco show de Sílvio Santos, eliminando a unção e os silêncios necessários. O pessoal do candomblé mantém a sacralidade através das rupturas dos espaços, Peji e Roncó. Aquém desse problema sacro, a capela deverá ser sobretudo a casa deles, mais do que para as irmãs e os frades. Um lugar que lhes pertença para se reunirem às noites, conversarem, se ajuntar. Um sindicato. O espaço de entrada à capela, atualmente é um campinho de futebol da criançada, deverá ser deixado como tal e (...) para fogueiras e folguedos, o mais restante, jardim.

² Carta de Edmar a Dona Lina, escrita em 1976

As telhas antigas, as encontraremos. Boa madeira para engradamento, peroba, maria-preta e mesmo aroeira se a senhora gostar. O inconveniente da aroeira é que é dura e não aceita pregos a não ser por ferros]

[...]. A peroba da região é a mais usada, embora esteja começando a faltar na região, ao que vem substituída pela maria-preta, de cerne duro e amargo. Os tijolos das cerâmicas locais são boas faturas, fortes e bonitos. Poder-se-á tentar fabricar pequenas lajotinhas de piso como as das igrejas do século XVI do Pernambuco.

O sino é indispensável. Se a Sra. achar conveniente tapeçaria ou pequenos enfeites com pedrinhas brasileiras, diga-me. Se achar conveniente pequenas vidraças também é só dizer, temos Frei Tarcísio Mântua que os fará. Em resumo, qualquer trabalho plástico poderemos caso a Sra. goste, Frei Tarcísio e eu trabalharemos em acordo com a Sra. Outra coisa a ser pensada: o ambiente da capela prestando a diversos usos, como seriam os bancos, as improvisações de utilização do espaço? [...] Quanto ao engenheiro a fazer as inscrições legais será o Dr. Ochoa, ex-assistente do Dr. Curi. É uma boa pessoa. Já se dispôs a isso, com entusiasmo.

Na visão de Edmar, a Igreja do Divino Espírito Santo do Cerrado é, entre as obras construídas de Lina, a que melhor apresenta sua busca por uma arquitetura popular, exercida através da cultura local, *com e para* a comunidade.

Construímos uma visão mandálica da sua arquitetura, ou dela.

O centro sempre em Arquitetura é o uso. O uso como interpretação de uma função com referência, primeiramente a uma cultura, a uma história. Para que? Em direção a uma arte de viver, feliz. Simples, e sobretudo com a natureza. Dona Lina não conseguia mais ver a arquitetura sem a natureza, a arquitetura dela é composta com materiais simples, disponíveis e os utiliza em quantidade mínima e necessária, mas mínima a serviço de uma estética formal forte, exprimindo sempre uma simplicidade construtiva. Nada pode ser dissimulado. Deve ser construída de tal maneira que se possa compreender imediatamente a relação que os elementos da construção têm entre eles. Cada mínimo detalhe é imaginado com o desejo de criar laços sociais através de um princípio de equidade e de justiça social.[...]

Com efeito, interpreta um programa de adequação do lugar a partir de uma realidade social, objetivo sendo o de ligar uma dimensão social com uma realidade econômica, para se territorializar, levando em conta os usos dos materiais os mais ordinários, comuns, os mais banais, os mais pobres.

Para Lina, se se trabalhava com tijolo, o material seria o tijolo. Se tem adobe, é adobe. Se usa madeira, é madeira. Em termos de artesanato, se tem têxteis, usa têxteis. Se tem cerâmica, usa cerâmica. É o que tiver ali naquele raio distrital, territorial.

Em sua arquitetura, os quatro elementos estão presentes. Sempre tem uma fonte dentro de casa, ou um riacho passa por fora, um córrego ao redor. A aeração é muito importante, por onde o ar entra, por onde ele circula e por onde ele sai. Tem que ter um jardim, pra plantar cebolinha, salsinha pra cozinha, e sobretudo um fogão ou lareira, com uma chaminé, pra cozinhar. Se não quiser cozinhar, acende só a lareira, mas o fogo sempre aparece. Na Casa de Vidro a lareira funcionava o tempo todo, fosse frio ou calor.



Figura 7

Em 1976, Dona Lina Bo Bardi aceitou elaborar o projeto arquitetônico da Igreja do Espírito Santo do Cerrado³, sob a condição de que Edmar ficaria a cargo dos projetos para o interior. Ele relembra o ensinamento da arquiteta de que o chamado para um trabalho sempre deve vir da própria comunidade, escutando as pessoas envolvidas. A encomenda para o projeto de interiores veio finalmente em 2007, quando Padre Márcio, na época responsável pela paróquia, soube da promessa de Edmar e conceptualizou o projeto, definindo as passagens e a simbologia que seria apresentada. Ao longo de 7 anos, Edmar trabalhou nos ícones da Anunciação e do Batismo, produzindo várias

³ Dona Lina defendeu a inserção do Cerrado, no nome da atual Igreja do Divino Espírito Santo. Argumentou a importância da definição de um contexto onde se manifestam as obras da comunidade.

outras obras em paralelo para financiar os estudos e a pintura das duas telas (3x2,8m e 2x2m). Elita, colaboradora de longa data de Edmar e do Centro de Tecelagem, teceu as tapeçarias que compõem o ícone do Batismo. Elci, que acompanha Edmar diariamente também trabalha no ateliê e ajudou na pintura das obras. Cristino, discípulo de Edmar, formado no centro de tecelagem Fios do Cerrado e atual professor e coordenador do espaço, deu todo apoio durante a pesquisa, produção e montagem dos ícones. Valter fez o trabalho de carpintaria que estrutura as peças. Padre Clayton, atual responsável pela Igreja organizou junto à comunidade paroquial a recepção das obras e dos convidados. A promessa se cumpriu no dia 23 de abril do ano de 2024, diante de uma celebração que reuniu vários amigos e diferentes gerações de padres, freis e paroquianos comprometidos com a igreja. Em memória de Frei Fúlvio Sabia e dedicada ao povo palestino. Vemos duas figuras humanas, um pássaro. E todos os campos que brotam de cada um, na eternidade do indizível. A obra a muitas mãos pode ser conhecida no número 355, da Avenida dos Mognos, no Bairro Jaraguá, em Uberlândia.

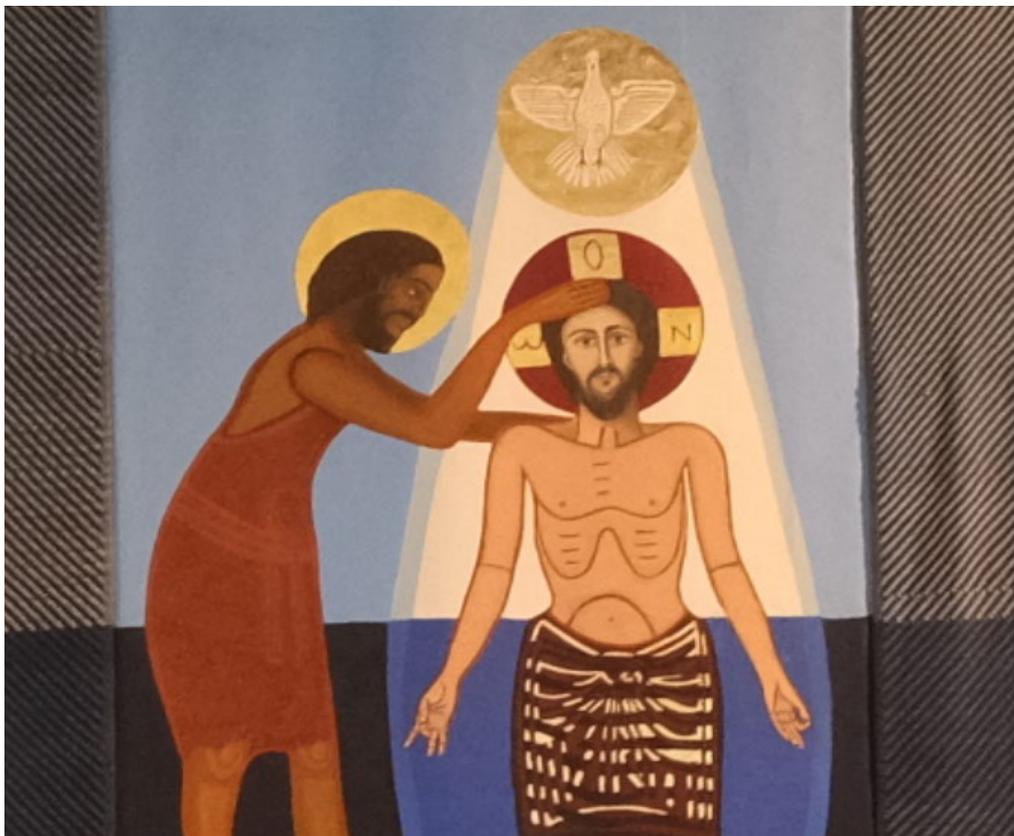


Figura 8



Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14